

Biblioteca: antigos problemas

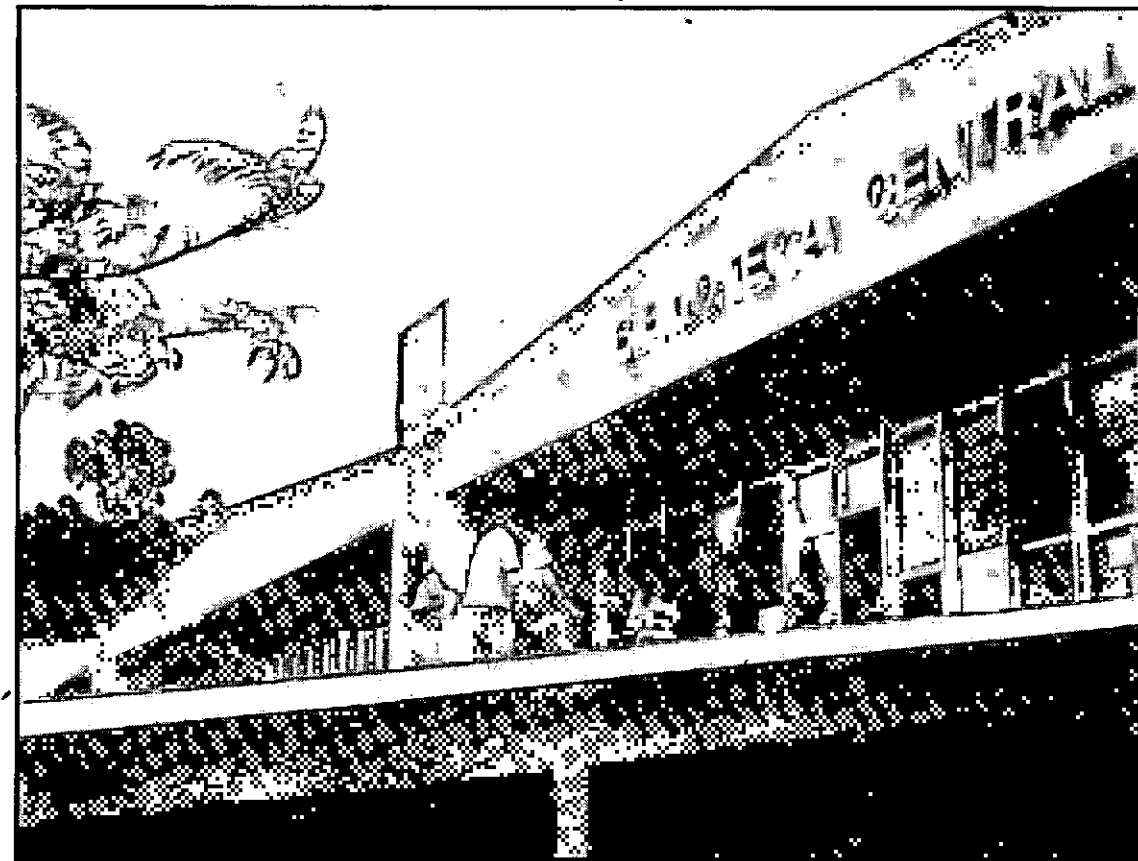
Falta tudo desde verbas até livros

Inaugurada em maio de 1976, a Biblioteca Central da UFSC conta com 195 mil títulos registrados, está disponível a uma população de 22 mil usuários e atende diariamente a mais de 3.500 alunos. Para essa tarefa conta com 98 funcionários dos quais apenas 27 trabalham efetivamente na Biblioteca Central. O restante está espalhado pelas oito bibliotecas setoriais, das quais duas estão localizadas fora do município: uma no Colégio Agrícola de Camboriú e outra no de Araquari. As outras seis são as dos centros de Ciências Físicas e Matemáticas, Ciências da Saúde, Ciências da Educação (ainda sendo montada), Ciências Agrárias e Colégio de Aplicação.

SEM ESTATÍSTICA

Desde que a biblioteca foi fundada, nunca foi feito um inventário que dissesse com exatidão quanto livros existem lá. Mas a diretora geral, Estela Vieira de Oliveira, 53, diz que anualmente são adquiridos novos títulos, o que permite a atualização constante do acervo. "A biblioteca atende os pedidos de professores, a não ser que falte verba", disse a diretora. "Aliás, a falta de verbas para atender todas as necessidades é um dos maiores problemas da Biblioteca Central", completou.

Outra grande dificuldade da biblioteca é a daniificação e o furto de livros. Para Sigríd esse é um problema de educação, não há como



controlar. O sistema de vigilância adotado não consegue impedir o furto. Os alunos sempre encontram uma forma de enganar a fiscalização, jogando o livro pela janela ou saindo, descaradamente, pela catraca, com o livro por baixo da roupa. "Os alunos são uns

irresponsáveis", irrita-se um funcionário que não quis se identificar. "Os que roubam deveriam ser presos", insistiu. De fato, roubar é crime. "Muitos alunos não podem comprar livros e não têm como estudar, a não ser na biblioteca. Os que roubam, impedem que muitos

colegas possam estudar", diz Roberto Henrique, 21, estudante de Engenharia Sanitária.

INFORMATIZAÇÃO

Apesar dos problemas, a diretora Estela afirma que a biblioteca

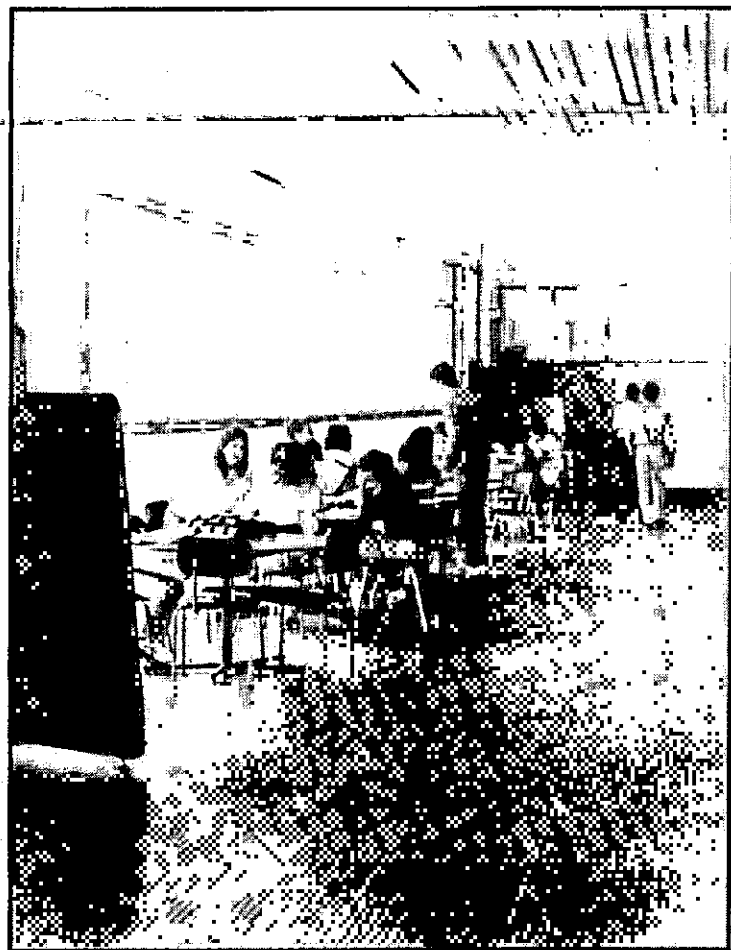
melhorou muito desde que foi criada, em 1976. "Procuramos atender o usuário da melhor forma possível mas é difícil agradar a todos", garante.

E é com a finalidade de se modernizar e dar um melhor atendimento aos usuários que a biblioteca está investindo na informatização de seus equipamentos. Isso facilitará o acesso, hoje confuso, do aluno ao texto.

Os equipamentos de informatização existem. "Só falta proceder a sua instalação, mas isso depende de verbas e do pessoal preparado para lidar com a aparelhagem", disse ela.

Outro setor no qual a biblioteca tem investido é na preparação psicológica de seus funcionários. No mês passado foi contratada a psicóloga Clarisse Leal de Freitas, que ministrou um curso de 16 horas aos funcionários, com a finalidade de oferecer novas técnicas de trabalho e atendimento e, segundo Estela, "reativar os funcionários". Diante desse quadro resta um "consolo" à Biblioteca Central da UFSC: em visita a mais quatro bibliotecas de Florianópolis - incluindo a centenária Biblioteca Pública do Estado - repórteres do ZERO constataram que o drama se repete. É exatamente igual.

Cláudia Finardi, Mara Schuster e Zulmar Bortolotto



Barulho na BU

"Eu acho f..."
 "Pega quem pagou até agora e vende o resto..."
 "Vamos nos organizar... vai sair o churrasco?"
 "Ninguém estuda genética, nós vamos ter que matar odonto..."
 "Vai ficar só na vontade..."
 "Vai vê se a tua mãe tá lá..."
 Será possível estudar num lugar desses? Possível ou não, na ala dos livros de psicologia, sociologia, direito e contabilidade, mais de uma dezena de alunos da Universidade Federal de Santa Catarina conversava quase aos gritos e gesticulava com entusiasmo, na semana passada, enquanto outro grupo circulava entre as mesas, falando alto e marcando encontros para depois da aula. Esta é basicamente a rotina da Biblioteca Central da Universidade, onde mais de 3.500 pessoas transitam diariamente. Segundo a diretora da Divisão de Assistência ao Usuário, Sigríd Karen Dutra, que trabalha lá há cinco anos, existe muita reclamação do barulho dos estudantes - mas não só deles: há também o barulho que os próprios bibliotecários fazem. O funcionário Lirio Aldorisi, 25 anos, concorda inteiramente com Sigríd: "Os funcionários também conversam" diz, com segurança, mas ressalta que o maior ruído é provocado mesmo pelos alunos, que - segundo ele - não têm o menor respeito pela lei do silêncio. "Nou-

tro dia alguns alunos de Odontologia fizeram tanta bagunça que só faltou chamar a segurança do campus", contou Aldorisi. Para acabar com o barulho foi desenhada, tempos atrás, uma campanha com cartazes e mensagens deixadas sobre as mesas, mas não adiantou muito. Chamar a atenção também não tem adiantado. "Eles não obedecem", assegura Sigríd. Atualmente nenhum tipo de campanha de conscientização sobre o silêncio está sendo feito. Para a diretora, os estudantes conversam muito porque não existe um local, na universidade, onde possam se reunir. "Um lugar como a biblioteca, com comodidade e facilidade de encontrar as pessoas".

PONTO DE ENCONTRO

A maioria dos estudantes parece estar acostumada com o barulho. Outros, não negam que às vezes acabam deixando os livros de lado pra conversar. "Eu consigo estudar com esse barulho todo porque a matéria não exige muito" disse Valério Luiz Cardoso, da quarta fase de Ciências Contábeis. "Quando quero realmente estudar prefiro pegar dois ônibus e ir pra casa", completou. De acordo com Rainísio, aluno do curso de Engenharia de Alimen-

tos, os estudantes conversam alto por falta de educação mesmo. Para ele o problema é "de berço". Rainísio acha que deveria haver maior rigor por parte da administração, com punição aos barulhentos. Sugere, por exemplo, que não sejam emprestados livros a quem perturba. Neidiane e Libertad são duas estudantes uruguaitas do curso de Letras. Elas acreditam que o brasileiro é barulhento por natureza. Libertad ressaltou que no Uruguai é diferente: "Lá você entra na biblioteca e o silêncio é tal que parece que não tem ninguém". Sua colega é um pouco mais condescendente, acha que isso é um problema de idade: "Para se estudar em conjunto é necessário falar alto". A diretora da Divisão de Assistência ao Usuário acredita que com a ampliação da Biblioteca Universitária, prevista para o início do próximo ano; quando serão construídos mais 1.200 metros quadrados de salas reservadas ao estudo em grupo, o problema do barulho diminuirá bastante. Mas até isso acontecer, muitas mães serão ainda insultadas, como foi a de Paulo Roberto Machado, quando ele pediu silêncio a cinco animados rapazes sentados ao lado e ouviu: "... vai vê se a tua mãe tá lá ...". "Eu fico indignado com essa zoeira", desabafou.